



**OU ISTO OU AQUILO: IMAGENS,
SÍMBOLOS E O IMAGINÁRIO NA POESIA
DE CECÍLIA MEIRELES**
**OR THIS OR THAT: IMAGES, SYMBOLS AND THE
IMAGINARY IN CECÍLIA MEIRELES' POETRY**

*Antônio Marques Pereira Filho**

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasil

ORCID: 0000-0001-5515-4347

*Autor correspondente (e-mail: thony.marques@outlook.com)

RESUMO

Este artigo analisa o imaginário na obra *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles, com ênfase nas imagens, símbolos e elementos da natureza que estruturam sua poética infantojuvenil. A investigação foi realizada em três etapas: leitura da obra, revisão teórica e análise interpretativa dos poemas “O último andar”, “Pescaria”, “Sonho de Olga” e “Enchente”. Os resultados revelam um imaginário poético repleto de significados, no qual metáforas, símbolos e os elementos da natureza se articulam em uma linguagem simples e lúdica, capaz de mobilizar a sensibilidade estética do leitor e instigar a formação crítica da criança e do jovem. O estudo evidencia como a poesia de Cecília Meireles, ao unir lirismo e dimensão simbólica, contribui para a valorização da literatura infantojuvenil brasileira e amplia o debate sobre a presença do imaginário na construção do leitor literário. Assim, este trabalho reforça a relevância da autora no contexto da literatura para crianças e jovens.

Palavras-chave: Poesia. Literatura infantojuvenil. Imaginário. Símbolos. Cecília Meireles.

ABSTRACT

This article discusses the imaginary in Cecília Meireles's work *Or This or That*. It aims to analyze images, symbols and elements of nature as constituents of its poetics. Our methodological process is divided into three stages: first, we read the work, then we read the theorists who dialogue on the topic under discussion. Finally, we performed a critical and interpretive analysis of the selected poems. Our theoretical framework is based on the studies of Bachelard (2001, 1988), Hélder Pinheiro (2014, 2007), Paz (1994), Pereira (2021), Zilberman (2005), among others. We hope that this study contributes to the discussion on the topic addressed, that the author's poems are studied and read in schools, universities and in different spaces, with an emphasis on reader training. Thus, we hope that this article provokes further debates about the author's poetic imagination.

Keywords: Poetry. Children and Youth. Imaginary. Symbols. Cecília Meireles.

1. Introdução

Ler poesia é entrar em um universo fabuloso e imagético, permeado por mistérios, cheiros, sons e sonhos. Essa experiência estética não se limita ao encantamento, mas abre caminho para um vínculo mais profundo com a palavra. É, portanto, a partir de uma relação íntima da criança e do jovem com o texto lúdico que possibilitamos formar novos leitores. É por meio da fantasia e da imaginação que se instiga o pensar crítico, criando-se uma relação de “corpo a corpo” entre o leitor e o texto (Kefalás, 2008).

Na relação do leitor com o texto literário, habita a possibilidade de serem despertados aspectos formativos como o imaginário, as imagens, os símbolos e toda riqueza lúdica da poesia. O hábito de ler poesias para as crianças e jovens, de modo interativo e lúdico, leva esses leitores a uma maior compreensão e interpretação do texto e da vida, uma vez que a literatura em geral tem um “caráter humanizador” (Candido, 1989).

Nesse sentido, para compreender a importância desse caráter formativo, é necessário retomar brevemente a trajetória da história da literatura destinada à infância, observando como ela se constituiu e assumiu diferentes funções ao longo do tempo. A literatura infantil surge no século XVII, com François Fénelon (1651-1715), teólogo e escritor francês, autor da obra *As Aventuras de Telêmaco*, escrita em 1699. Tal literatura foi desenvolvida com o intuito de educar as crianças de forma moral, além de fazer críticas severas ao reinado de Luís XIV. A obra seduzia as crianças para um mergulho nas narrativas e histórias dos personagens, e tais leitores se inspiravam nos heróis dos textos, assim, sentiam-se motivados a serem como os personagens, ou seja, um espelho de vida para aqueles leitores.

Nesse mesmo século, em 1697, Charles Perrault (1628-1703) apresenta ao público suas histórias e contos fabulosos, como *A Bela Adormecida no bosque*, *Chapeuzinho Vermelho*, *O Gato de Botas*, *As Fadas*, *A Gata Borralheira* etc. Logo mais, em meados de 1750, essas obras passam a ser lidas pelos adolescentes e a partir disso surge a literatura infantojuvenil, quando o público toma gosto pela leitura literária.

Já no Brasil, os estudos de Zilberman (2005, p. 24) apontam que “[...] a história da literatura brasileira para a infância só começou tardiamente, próximo da Proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações”. É Monteiro Lobato (1882-1948) o escritor brasileiro considerado o precursor da literatura infantil, com a publicação da obra *A menina do narizinho arrebitado*, de 1920. Cademartori (1987, p. 43) afirma que “a literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos nossos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato”. No limiar da poesia infantil, destaca-se o poeta Alvarenga Peixoto (1744-1792), que escrevia sonetos dedicados às crianças e conselhos à sua filha Maria Efigênia, quando ela completou sete anos (em torno de 1786).

Desde então, a literatura brasileira voltada para a infância se fortaleceu. Entre as principais poetisas que despontam ao longo do século XX, destaca-se Cecília Meireles, autora da obra sobre a qual este estudo se pauta, o livro de poemas *Ou Isto ou Aquilo* (2012). Cecília é uma poeta modernista nascida em 7 de novembro de 1901 no Rio de Janeiro, onde faleceu em 9 de novembro de 1964. Publicou seu primeiro livro em 1919, intitulado *Espectros* e, em 1938, com seu livro *Viagem*, ganha o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras. Uma das maiores vozes femininas da literatura brasileira do século XX foi “professora, jornalista, cronista, autora de literatura infantojuvenil e pioneira na difusão do gênero no Brasil” (Meireles, 2012, p. 65).

Considerando a relevância de Cecília Meireles para a literatura destinada à infância, estudaremos a obra supracitada com foco em seu imaginário poético. Analisaremos, também,

os elementos da natureza como constituintes de sua poesia. Do mesmo modo, investigaremos, de forma crítica e interpretativa, as imagens e símbolos nos poemas selecionados, com ênfase na formação do leitor literário infantojuvenil. Organizamos o processo metodológico em três momentos: o primeiro, voltado à leitura da obra, com o intuito de selecionar os poemas que mais apresentam teor imagético e os elementos da natureza. Em seguida, faremos leitura dos teóricos que dialogam sobre a temática em estudo, como Bachelard (1988, 2001, 2002, 2009), que contribuiu com seus estudos sobre o imaginário. Seguindo por essa mesma via temática, nos embasamos também em Durand (1976), entre outros. Na perspectiva da história da literatura e da poesia infantojuvenil no Brasil, recorreremos aos estudos de Coelho (2006), Paz (1994), Zilberman (2005), entre outros. Por último, faremos a análise dos quatro poemas selecionados: “O último andar”, “Pescaria”, “Sonho de Olga” e “Enchente”, presentes na obra *Ou Isto ou Aquilo* (2012), de Cecília Meireles.

Nosso artigo está estruturado em três seções, sendo a primeira um texto introdutório, apresentando a temática, os objetivos, a metodologia e o arcabouço teórico, além de uma breve apresentação sobre a vida da autora. Na segunda seção, tratamos de discutir o imaginário poético de Cecília Meireles no poema “O último andar”. Essa seção foi dividida em duas subseções, na primeira, analisamos as imagens e símbolos no poema “Pescaria” e na subseção seguinte discutimos sobre os elementos da natureza nos poemas “Sonho de Olga” e “Enchente”. Por último, temos nossas possíveis considerações finais acerca das análises e discussões abordadas ao decorrer do texto.

2. O imaginário poético de Cecília Meireles em *Ou Isto ou Aquilo* (2012)

2.1 O céu como espaço simbólico no poema “O último andar”

Na obra *Ou Isto ou Aquilo* (2012), Cecília Meireles (re)desenha um universo muito particular do eu poético, com fantasias e sonhos em nuvens no céu, “a romã rubra. (E o céu) / cheia de rubis. (E o céu)” (Meireles, 2012, p. 23). O eu poético compartilha sua vida de modo encantador e fabuloso, pois vive em um mundo em contemplação à natureza e às suas particularidades mais intimistas, dá vida e sentido aos seres que ali vivem, e é entre os pássaros e flores que o leitor é seduzido a mergulhar nessas poesias cheias de significados, com um imaginário repleto de imagens e símbolos. As ilustrações de Odilon Moraes, na edição de 2012, publicada pela Editora Global, contribuem para ampliar as imagens e símbolos propostos no texto verbal, considerando que Odilon explora os poemas de forma lúdica, ao mesmo tempo que propõe uma interpretação particular aos elementos dos poemas.

Nesse entrelaçar poético, Cecília (2012) nos convida a uma profunda interação com o texto literário, a poesia, com caminhos retorcidos, porém, cheios de imaginação, sonhos e muitas aventuras. A imaginação é o agente movedor e responsável pela criação de imagens em nosso psíquico. Seriam essas histórias poéticas o mundo particular de Cecília Meireles? Se imaginarmos que o escritor desenha suas experiências e vivências de memórias, pensamos que sim. Nos estudos de Gaston Bachelard (2001), vemos que o poeta, ao reviver e vestir-se de imagens com cargas simbólicas, desperta uma experiência nova com a própria linguagem e faz surgir novas ideias psíquicas, além de reviver e cruzar experiências passadas e futuras.

Entendemos, ainda, que imaginar “é sobretudo a faculdade de libertar-nos das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagens, união inesperada das imagens, não há imaginação, não há ação imaginante” (Bachelard, 2001, p. 1). É por esse viés imagético que vemos quão astuciosa foi Cecília ao escrever a obra *Ou Isto ou Aquilo* (2012).

Com maestria, ela transita em leveza ao descrever o amor, a vida e os sonhos. Como afirma Arroyo (2011): “Em *Ou isto ou aquilo*, livro de excepcionais virtudes literárias para sensibilidade infantil, Cecília Meireles deixou-nos uma verdadeira obra-prima da poesia moderna para crianças” (p. 317).

Por um olhar caleidoscópico, podemos ver esse imaginário de Cecília no poema intitulado “O último andar” (Meireles, 2012, p. 25), repleto de significados e com uma linguagem carregada de símbolos e criação poética. Vejamos:

Figura 1: Poema “O último andar” da obra *Ou Isto ou Aquilo* (2012), de Cecília Meireles.



Fonte: MEIRELES, 2012.

O poema em análise é composto por sete estrofes, de três versos, sendo a última de um só verso. Apresenta rimas, musicalidade, com versos livres e/ou brancos, como: ABB, CBB, DBB, assim, não apresenta paralelismo perfeito. Começamos a observar, primeiramente, o título do poema, que já nos insere em um processo de imaginação. “O último andar” nos conduz a imaginar que seja um edifício de grande altura, lugar no qual o eu poético deseja morar, ao exprimir a sua ânsia de habitar nesse andar. Portanto, para se chegar a tal destino é preciso passar por outros andares. Seriam os outros andares as fases e dificuldades da vida?

Na leitura da primeira estrofe, já vemos a ênfase que o eu poético dá ao “último andar”, atribuindo-lhe o adjetivo “bonito” e uma expressividade de foco no advérbio “mais”, que exprime em maior quantidade e com maior intensidade sua admiração pelo último andar. É desse andar que se vê o mar e, portanto, é lá onde o eu poético quer habitar. Diante disso, vemos quão admirável é esse ambiente pelo eu poético que sente uma necessidade de ir para lá, pois há uma força íntima que lhe chama. Ao usar o mar como visão esplêndida, imaginamos em nosso psíquico o barulho do ronco e a força que ele tem, além de sua extensão territorial, e isso nos

dá a possibilidade de enxergar pelos olhos do eu poético a beleza e contemplação desse universo ora azul ora verde. O verbo querer também apresenta nuances de desejo, de vontade, vemos em: “É lá que eu quero morar”. Logo, tal verso se repete cinco vezes dentro do poema, de modo enfático e poético.

Na segunda estrofe, “o último andar” aparece como um lugar longe e custoso para se chegar, tendo em vista o uso da ênclise do verbo “custa-se”, mas, mesmo assim, é para lá onde o eu poético quer ir. Na terceira estrofe, no primeiro verso: “Todo o céu fica a noite inteira”, interpretamos a grandiosidade do céu durante a noite e suas radiações, pois o “todo” indica uma totalidade, expansão, grande. Já a noite é vista como um momento de ligação do eu poético com si mesmo. E, ao usar a expressão “inteira”, vemos a sua completude ao devanear, na possibilidade de um dia ir morar nesse lugar onde se sentirá completo/inteiro e feliz.

Na quinta estrofe, o eu poético nos apresenta de modo fabuloso sua visão para com “o último andar”, pois “Os passarinhos lá se escondem, / para ninguém os maltratar”. Temos a percepção de que tal lugar seja sagrado, divino, de proteção aos humanos e animais. Questionamos: seria esse último andar o mundo íntimo do eu poético ou o lugar que deseja ir quando morrer? Pois “De lá se avista o mundo inteiro” e “tudo parece perto, no ar”. Finaliza o poema dizendo que é lá que deseja morar, “no último andar”.

Percebemos, então, que o poema está revestido por metáforas e figuras de linguagem, como a hipérbole no segundo verso da quarta estrofe em: “fica todo o luar”. Ora podemos entender que “o último andar” seja a sacada de um prédio, ora o céu, lugar ao qual o eu poético deseja morar quando morrer, além de vermos também essa representatividade da vida do eu poético e suas fases, quando criança, jovem, adulto e velho. O texto nos traz para a reflexão da importância que devemos dar a cada etapa da vida, pois tudo é efêmero diante da vida e sua fugacidade. Notamos, ainda, nas entrelinhas, a presença de temas como a morte, o amor, a efemeridade dos tempos e um certo eufemismo no poema, para evitar o uso do termo morte, substituindo por “o último andar”, título e verso que se repete dentro do poema constantemente.

É por meio desse imaginário e intensidade de emoções no poema de Cecília Meireles que “podem repercutir na vida do pequeno leitor de maneira definitiva. [...] muitas vezes a repercussão tem resultados práticos: vocações que surgem, rumos de vida, determinações futuras” (Meireles, 1984, p. 128).

2.2 Imagens e símbolos no poema “Pescaria”

Quando lemos um poema ou ouvimos alguém ler para nós, vamos criando em nosso consciente e inconsciente as imagens, dando sentido e materializando-as, conforme as suas representatividades no mundo. Diante disso, as imagens servem para representar as coisas, os objetos, os sentidos etc., pois quando “a coisa não pode apresentar-se em carne e osso” (Durand, 1988, p. 7), a nossa sensibilidade imagética nos dá a possibilidade de atribuirmos significados a essas imagens, bem como à própria recordação da nossa infância.

Assim, as imagens que vão surgindo na leitura de um poema, por exemplo, podem dizer mais do que aquilo que está posto nos versos, elas trazem uma pluralidade de significados, pois é multifacetada de sentidos. Ao dizer de Otavio Paz (1982, p. 134-135), “a linguagem, tocada pela poesia, cessa imediatamente de ser linguagem. [...] O poema transcende a linguagem”. Então, não devemos definir essas imagens que criamos, para não perderem os seus sentidos ao fazer literário do poeta.

Segundo Bachelard, em sua obra *A poética do devaneio* (2009), a imagem exige uma leitura e interpretação, além de um método analítico, em uma perspectiva fenomenológica de

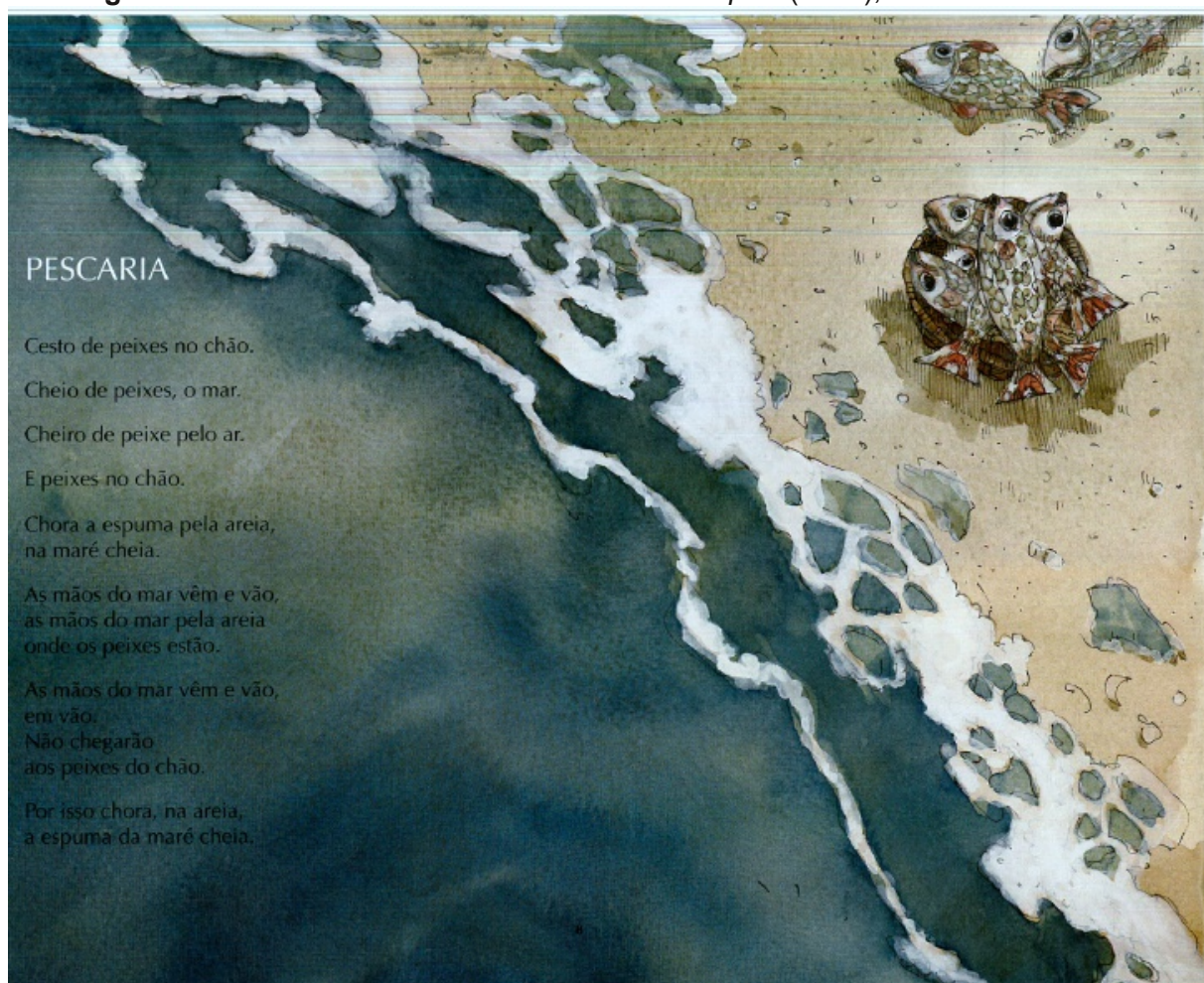
interpretação dessas imagens. As imagens são o *germe e cerne* da poesia e do mundo imagético. E como as imagens e símbolos estão postos na poética de Cecília Meireles?

Mais adiante analisaremos nos dois poemas selecionados as imagens e símbolos, nessa mesma subseção. Porém, agora, discutiremos sobre os símbolos e sua importância para a construção da interpretação da poesia para o leitor. Porque os símbolos, como diz Durand (1988, p. 17), “não são uma representação direta e nem seus significados são dados fora do processo simbólico”.

Ainda na perspectiva de Durand (1976, p. 26), o símbolo tem duas exigências interpretativas: sendo a primeira medir a sua incapacidade para o “pôr à vista” o significado em si e a outra tem que comprometer a crença na sua pertinência total, ou seja, permitir que suas vivências e experiências de vida interfiram na sua análise simbólica. Diante disso, compreendemos o símbolo como uma dimensão cósmica que nos liga ao mundo que nos rodeia, e, por outro olhar, uma dimensão onírica que faz uma ligação com nossas recordações em nossos sonhos e, por último, a poética que é produto da linguagem (Durand, 1988). Entendemos, portanto, que nunca esgotamos os significados dos símbolos, eles nos permitem várias leituras e interpretações nos diferentes tempos e espaços da vida.

Vejamos o poema intitulado “Pescaria” (Meireles, 2012, p. 8), da obra *Ou Isto ou Aquilo*, de Cecília Meireles:

Figura 2: Poema “Pescaria” da obra *Ou Isto ou Aquilo* (2012), de Cecília Meireles.



Fonte: MEIRELES, 2012.

Na primeira leitura que fazemos do poema “Pescaria”, vislumbramos algumas imagens e símbolos. Pelo título do poema, de acordo com nossas experiências, imaginamos indivíduos em alto-mar jogando as redes para pescar peixes. O poema apresenta versos livres, compostos por uma sonoridade única, algo relevante para o encantamento e apreço do leitor pela leitura ou ouvi-lo cantado/declamado por outras vozes. Parece-nos que as palavras vão brotando das ondas do mar, em galopes, com uma leve e suave sonoridade que emana das águas do mar e da voz do eu poético. A sonoridade nos dá a possibilidade de mergulho no poema, que torna a leitura apreciativa por qualquer pessoa, uma vez que, dela, o leitor entra em conexão com o seu interior.

Além da sonoridade no poema, encontramos a figura de linguagem denominada aliteração, que é a sequência de palavras com a mesma relação semântica, como “cheio”, “cheiro”, “chora”, “cheia”. Podemos notar a repetição do dígrafo “ch”, com som do fonema “x”. Além de trazer a ideia do chiado das ondas do mar ao encontro com a areia da praia.

Ao pescar os peixes, estes trazem consigo o símbolo da morte, pois se encontram nos vales da praia, em um cesto, no chão, sem oxigênio, exalando no ar seu cheiro e morrendo por não conseguir respirar fora d’água. Na leitura compassada do poema, vamos criando imagens desses peixes pulando para fora do cesto e morrendo por falta de oxigênio, uma vez que são seres que respiram nas profundezas do mar e não na superfície aérea, pois “As mãos do mar vêm e vão, / em vão. / Não chegarão / aos peixes do chão”. Assim, o poema compartilha com o leitor sentimentos de dor, de angústia, de sofrimento e piedade, sentimentos também experimentados pelo eu poético, que “chora, na areia”.

Na mitologia grega, os peixes são símbolos de proteção e de fé e têm como regente Netuno, deus dos mares e da bonança. Em uma perspectiva cristã, o peixe simboliza a vida, cuja palavra em grego *Ichthys* representa a frase: “Jesus Cristo, Filho de Deus, Salvador”. Em outras culturas da América do Norte, o peixe é símbolo da fertilidade, pois ainda hoje é tido como um amuleto da sorte e proteção.

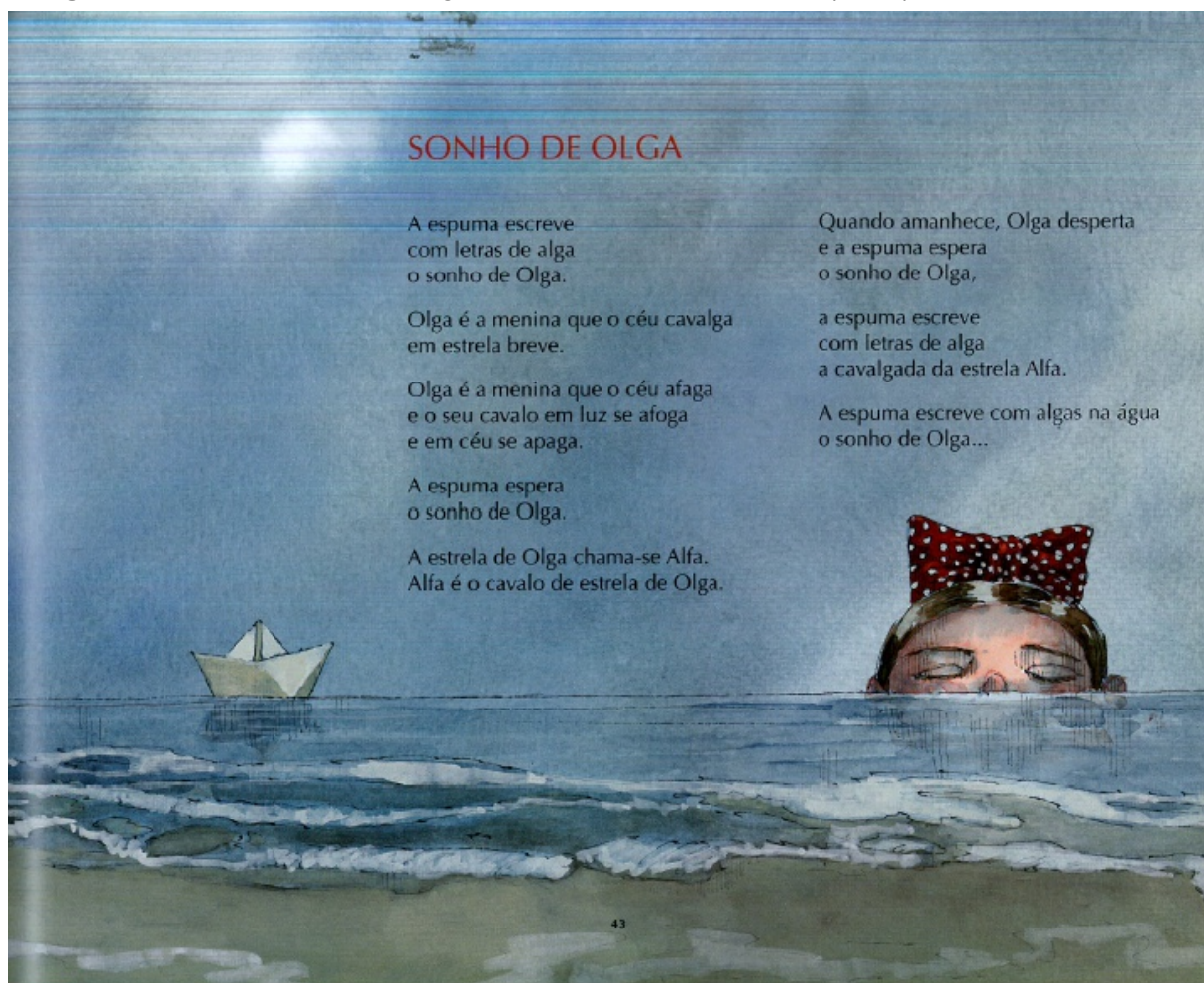
Encontramos, ainda, outra figura de linguagem, a personificação ou prosopopeia, recurso estilístico em que se dá características a entes não humanos, como animais ou objetos inanimados. Podemos identificar nos seguintes versos: “Chora a espuma pela areia”, “As mãos do mar vêm e vão” e “Por isso chora, na areia”. O choro, por exemplo, é um sentimento humano e as mãos, partes do nosso corpo.

Portanto, as imagens e símbolos se encontram sutilmente nos versos do poema analisado, e vão tomando formas e sentidos no decorrer da leitura, de forma poética e harmoniosa. Propondo um diálogo com o leitor infantojuvenil, com leveza e maestria, a poeta convida-o a mergulhar em sua poesia. Logo, o texto poético, em especial, “Pescaria”, possui uma linguagem rica, revestida de figuras de linguagem, com elementos sonoros e metafóricos.

2.3 Os elementos da natureza nos poemas “Sonho de Olga” e “Enchente”

Analisaremos, nesta subseção, os quatro elementos da natureza, água, ar, fogo e terra, presentes nos poemas “Sonho de Olga” (Meireles, 2012, p. 43) e “Enchente” (Meireles, 2012, p. 31). Em leitura e análise do primeiro poema “Sonho de Olga”, podemos ver os dois elementos: água e ar. Leiamos:

Figura 3: Poema “Sonho de Olga” da obra Ou Isto ou Aquilo (2012), de Cecília Meireles.



Fonte: MEIRELES, 2012.

Por meio da leitura, podemos perceber o elemento água nos versos: “A espuma escreve”, “A espuma escreve com algas na água”, entre outros que aparecem sutilmente. Nesses dois versos citados, temos a figura de linguagem personificação, uma vez que a “espuma” toma características humanas, pelo ato de escrever.

A água é um elemento importantíssimo para a continuidade da vida na terra; é elemento gerador de vidas, matéria imaginante, fonte de esperança e sabedoria, pois, “sobre o nascimento da água, os poetas e filósofos têm apresentado vários significados de sua origem. A água é gerada da união do ar com a terra e é carregada de metáforas”, afirma Pereira (2021, p. 62). Pensando assim, a água é uma força indomada, que possui vários símbolos e significados nas diferentes culturas. Bachelard (1998, p. 7), por sua vez, afirma que “a água é realmente o elemento transitório. É a metamorfose ontológica essencial entre o fogo e a terra” e elemento presente no fazer poético de Cecília Meireles.

Por outro lado, o ar está posto no poema de maneira harmoniosa e livre, como nos versos: “Olga é a menina que o céu cavalga”, “Olga é a menina que o céu afaga”, “e em céu se apaga”. Segundo Bachelard (1990), o ar é “o convite à viagem, é imagem de evasão, da flutuação, da mobilidade, da altura, é o infinito vertical”. Em diálogo com os versos do poema e o pensamento do crítico supracitado, vemos o céu como elemento imagético que provoca sonhos em Olga, o que lhe dá a possibilidade em seus devaneios de sonhar e voar, logo, o voo representa liberdade. Assim, os elementos água e ar se misturam ao imaginário de Olga. Em

seus sonhos, a espuma tem vida. Tais elementos da natureza estão permeados pelo mundo lúdico do eu poético, uma ambiência representada pelas brincadeiras e fantasias, onde os seres ganham vida e novos significados. A figura lírica Olga se deixa levar pelos sonhos e revela o seu mundo interior, sua relação consigo mesma. Provoca no leitor infantojuvenil curiosidades em conhecer esse universo de Olga e interage com sua imaginação.

Ainda, em “Sonho de Olga”, sentimos a musicalidade e o ritmo no poema, fazendo com que o leitor redescubra o prazer nas sonoridades rítmicas e nas melodias. Segundo Neves, Lôbo e Mignot (2001):

Para o leitor-criança, o ritmo do poema é o aspecto que, primeiramente, lhe chama a atenção, na medida em que corresponde a sua necessidade de ludismo. O prazer da sonoridade surge muito cedo na vida da criança, através do contato com a poesia folclórica em suas diferentes formas, desde a escuta da cantiga de ninar até a participação nas cantigas de roda, passando pelas brincadeiras das parlendas, trava-línguas e adivinhas. (Neves, Lôbo e Mignot, 2001, p. 190).

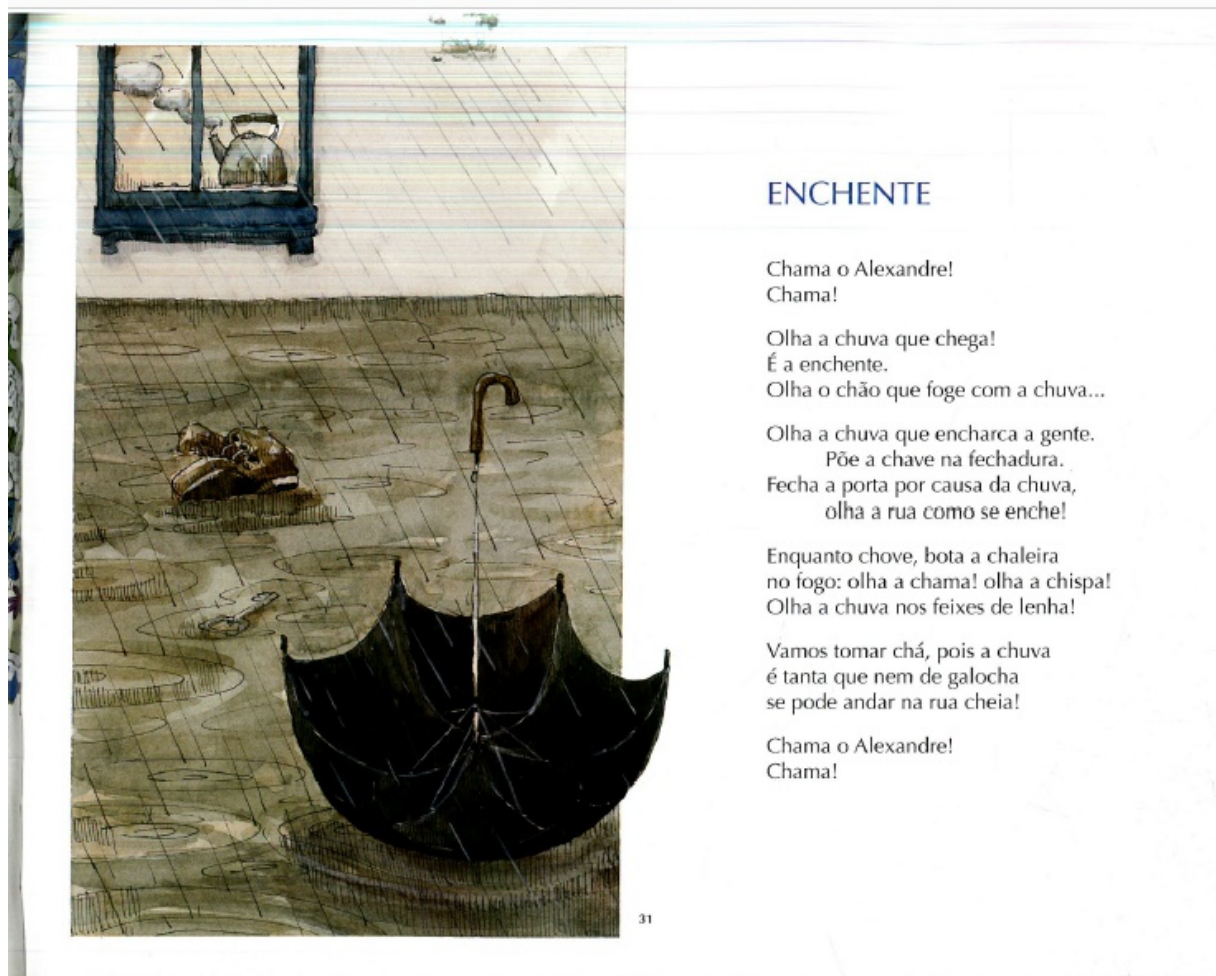
Sendo assim, afirmamos que o “Sonho de Olga” é um poema repleto de imagens metafóricas, de sonoridade e uma linguagem poética com jogo lúdico. Pensando em trabalhar com essa metodologia de jogos lúdicos na leitura do poema e sua análise, Nely Novaes Coelho (2000) afirma que:

O jogo poético, além de estimular o ‘olhar de descoberta’ nas crianças, atua sobre todos os seus sentidos, despertando um sem-número de sensações (...). É óbvio que, num só poema, dificilmente todas essas sensações são provocadas ao mesmo tempo... pois cada um deles apresenta determinados tipos de transfiguração imagística, que tem seu modo peculiar de atuar no pequeno leitor ou no ouvinte. (Nely Novaes Coelho, 2000, p. 222).

Portanto, vemos, no poema, esse jogo poético e as inúmeras sensações que sentimos ao fazer sua leitura. Ele nos provoca um arcabouço de imagens, por meio da presença dos elementos da natureza, como a água e o ar, que podem causar frio e calor. O poema ainda enfatiza a relação criança e natureza, de maneira livre e sonhadora, como “um mergulho de criança e paisagem num mundo de cores sensações, sinestésias” (Lajolo; Zilberman, 1987, p. 149).

Para discutir e analisar como os elementos da natureza: fogo e terra estão postos na obra *Ou Isto ou Aquilo* de Cecília Meireles, analisaremos o poema “Enchente” (Meireles, 2012, p. 31).

Figura 4: Poema “Enchente” da obra Ou Isto ou Aquilo (2012), de Cecília Meireles.



Fonte: MEIRELES, 2012.

No poema, o elemento fogo surge como acalento para o corpo e que proporciona o cozimento de alimentos e fervura da água para preparar o café ou chá, como nos versos: “Enquanto chove, bota a chaleira / no fogo: olha a chama!”. Além disso, proporciona a claridade no ambiente, já que, devido à tempestade, tudo está escuro. A expressão “chama” foi empregada nesse verso no sentido de entusiasmo, prosseguida pelo ponto de exclamação que representa susto ou admiração do eu poético.

Em outros momentos, a palavra “chama” refere-se ao verbo chamar, como em: “Chama o Alexandre! / Chama! ”. Vale frisar que o ponto de exclamação usado no poema realça o medo e a preocupação do eu poético para com a enchente que está inundando a rua e, sobretudo, com o Alexandre, que não aparece, um apelo de insistência: “Chama o Alexandre! / Chama!”. Este é a preocupação central no poema, de modo que interpretamos como se fosse alguém conhecido, íntimo ou até um filho do eu poético, que está na rua exposto ao perigo da enxurrada. Já que o artigo “o” antes do sintagma nominal “Alexandre” indica aproximação.

Então, pensamos que “o fogo por ser fonte de calor aquece o corpo e o coração humano, comanda as paixões e crenças” (Pereira, 2021, p. 69). O fogo, no poema, pode ser visto como fonte de esperança, esperança de que a chuva passe e Alexandre apareça. Bachelard (1994, p. 83) ainda diz que “o fogo é um elemento material que existe no micro e no macrocosmo. No ser humano, ele é uma fonte de calor e de luz que comanda suas crenças, paixões, seu ideal e

a filosofia de sua existência”. O chiado que nos acompanha durante a leitura dos versos é ocasionado pelo dígrafo “ch”, que tem som de “x”. Lembramos do próprio chiado da chaleira ao ferver a água, ou, ainda, a sonoridade do chiado do fogo com o vento da chuva e o metal da vasilha de chá.

Por sua vez, o elemento terra está posto no poema representando a união do chão com a chuva, uma vez que vislumbramos a intensidade da chuva ao carregar “o chão”. Vejamos o verso: “Olha o chão que foge com a chuva...”, aqui, imaginamos, ainda, de maneira metafórica, poética e personificada, a união amorosa entre os dois agentes (chão e chuva) em uma fuga de ambos.

A terra é um elemento de prosperidade, pois dela nascemos e para ela voltaremos. Por ser bíblica, nos proporciona o alimento, representa resistência e força, “símbolo do consciente e de sua situação de conflito. É símbolo do desejo terrestre e de suas possibilidades de sublimação e de perversão”, afirma Chevalier (1994, p. 878-880), e no poema “Enchente”, a terra está configurada pela harmonia para com a chuva, em uma união e junção, tornando-se um só elemento, em uma relação harmônica, de riqueza e matéria imagética.

3. Considerações finais

A realização deste artigo se deu pela leitura da obra *Ou Isto ou Aquilo* (2012), de Cecília Meireles, como *corpus* de estudo. Na análise crítica e interpretativa dos quatro poemas selecionados: “O último andar”, “Pescaria”, “Sonho de Olga” e “Enchente”, investigamos o imaginário poético de Cecília, além das imagens e símbolos. Encontramos, ainda, os elementos da natureza, como água, ar, fogo e terra em sua poética.

Assim, nos deparamos com um imaginário repleto de significados, com uma robustez sensível e poética, apresentando nuances das brincadeiras na infância do eu poético, como nos versos: “[...] Olga é a menina que o céu cavalga / A espuma espera / o sonho de Olga” (Meireles, 2012, p. 43). Vemos, também, nesses mesmos versos, as imagens e símbolos que são pontos fortes na poesia de Cecília, pois o eu poético vive em devaneios, nos sonhos de sua doce infância.

Identificamos, ainda, a presença dos quatro elementos da natureza, revestidos por uma linguagem simples e harmoniosa. Observemos o elemento **água**, nos seguintes versos: “[...] A espuma escreve com algas na água” (Meireles, 2012, p. 43); “[...] Olha a chuva que chega! / Olha a chuva que encharca a gente / Olha a rua como se enche!” (Meireles, 2012, p. 31). Elemento **ar**: “[...] Olga é a menina que o céu afaga” (Meireles, 2012, p. 43); “[...] Cheiro de peixe pelo ar” (Meireles, 2012, p. 8); “[...] Todo o céu fica a noite inteira / Quando faz lua, no terraço / De lá se avista o mundo inteiro” (Meireles, 2012, p. 25). Vemos o **fogo** nos versos: “[...] bota a chaleira / no fogo: olha a chama!” (Meireles, 2012, p. 31). Por último, o elemento **terra**, que encontramos nos seguintes versos: “[...] Olha o chão que foge com a chuva...” (Meireles, 2012, p. 31) e “Cesto de peixes no chão. / E peixes no chão.” (Meireles, 2012, p. 8).

Diante do processo metodológico adotado e dos objetivos propostos, o estudo alcançou resultados consistentes. O arcabouço teórico constituiu-se como suporte fundamental para sustentar o diálogo crítico com as leituras e análises dos poemas, conferindo maior profundidade interpretativa. Esse aporte, aliado à metodologia aplicada, possibilitou a elaboração de um texto coeso e articulado, capaz de integrar de forma harmoniosa a dimensão analítica e a reflexão teórica.

Portanto, esperamos que este trabalho possa contribuir para futuros estudos na temática abordada e sobre a poesia da autora. Assim, almejamos que as poesias de Cecília Meireles

possam ser estudadas e lidas nas escolas, universidades e em diferentes locais, de modo crítico, lúdico, cantado e/ou declamado. Além do interesse em estudar a escrita de autoria feminina e do gênero poesia.

Referências

ARROYO, L. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. **O ar e os sonhos**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **A água e os sonhos**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. **A poética do devaneio**. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, A.C.R. (org.). **Direitos humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHEVALIER, J; GUEERBRANT, A. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. 5. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

DURAND, Gilbert. O universo do símbolo In: ALLEAU, René. **A ciência dos símbolos**. Tradução de Isabel Braga. Lisboa: Edições 70, 1976.

_____. **A imaginação simbólica**. Tradução de Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, 1988.

KEFALÁS, Eliana. Corpo a corpo com o texto literário. In: 11o CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC. **Tessituras, interações, convergências**. São Paulo: USP, 2008.

_____. **Corpo a corpo com o texto na formação do leitor literário**. Campinas: Autores Associados, 2012.

LAJOLO, Marisa. Poesia: uma frágil vítima da escola. In: _____. **Do mundo da leitura para**

a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1993.

_____; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: história e histórias**. 3. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1987.

MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. **Ou isto ou aquilo**. Ilustrações de Odilon Moraes. Organização de Walmir Ayala. São Paulo: Global, 2012.

MELLO, A. M. L. Ou isto ou aquilo: um clássico da poesia infantil brasileira. In: NEVES, Margarida de Souza; LÔBO, Yolanda Lima; MIGNOT, Ana Chystina V. R. (org.). **Cecília Meireles: a poética da educação**. Rio de Janeiro: Loyola/Ed PUC-Rio, 2001.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

_____. **A Dupla Chama**. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

PEREIRA FILHO, Antônio Marques. **A poesia como símbolo erótico em Regine Limaverde: uma abordagem crítica e interpretativa**. 2021. Dissertação (Mestrado em História e Letras) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

PINHEIRO, Hélder. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2007.

_____. **Literatura e ensino: aspectos metodológicos e críticos**. Campina Grande: EDUEFCG, 2014.

_____. **Poesia na sala de aula**. Campina Grande: Bagagem, 2018.

SILVEIRA, Diná Menezes da. **Leitura de poesia: uma experiência na alfabetização**. 2007. Dissertação (Mestrado em História e Letras) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.



A **Revista de Comunicação Dialógica** (RCD) é editada pela Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição- Não Comercial- Compartilha Igual 4.0 Não Adaptada.

Link: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Recebido em: 05/09/2025
Aprovado em: 16/10/2025